



Afeto e subjetivação no romance *O álbum negro*, de Hanif Kureishi

Juliano André Kreutz^{1*} e Dionei Mathias²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Rua Prof. Darcy Ribeiro, 121, 94834-413, Alvorada, Rio Grande do Sul, Brasil.

²Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: julianokreutz@gmail.com

RESUMO. Este artigo se propõe discutir a dinâmica entre afetos e subjetivação no romance *O álbum negro*, de Hanif Kureishi, em específico, nas perspectivas narrativas associadas ao uso de drogas ilícitas. Para sua fundamentação teórica, recorre, sobretudo, às discussões de Canguilhem (2009), Cohen (2003), Deleuze (2019), Latour (2008), Rolnik (2007, 2021) e Rose (2001). Os estudos críticos da obra destacam que na figuração de migrantes, especialmente do protagonista, Shahid, conectam-se dois quadros culturais alternativos de referência, o liberalismo e o fundamentalismo religioso islâmico. O uso de drogas ilícitas, compreendido como parte da cultura liberal britânica, apareceria como um dos pontos de equiparação destes códigos sociais, consideradas a violência, a destruição e o monoculturalismo como suas características comuns. Problematisa-se esta afirmação, a partir da suspensão do juízo moral sobre o consumo de drogas ilícitas. Rastreia-se no texto literário possibilidades de dissenso, de outras maneiras de ler a obra e o mundo. Compreende-se que para conhecer como os corpos são afetados, como as diferenças se (contra)põem, é preciso analisar suas relações constitutivas, circunstanciais, sem deter-se nas interseções das narrativas sociais e individuais. Para isso, é necessário cartografar os circuitos inumanos em que são postos em movimento, compreender o corpo como uma rede de relações, que apreende o mundo por duas vias simultâneas e complementares, a percepção (codificada pela cultura, comunicável) e o afeto (informe, indizível). Qualquer elemento que compõem o corpo-agenciamento, a festa rave, a religião, o ecstasy, a música pop, o vinho ou a literatura, emerge como um tipo de *pharmakon*, veneno-remédio, a depender das disposições dos corpos, dos usos e dos contextos.

Palavras-chave: Hanif Kureishi; *O álbum negro*; drogas ilícitas; alteridade.

Affect and subjectivation in Hanif Kureishi's novel *The black album*

ABSTRACT. This article aims to discuss the dynamics between affects and subjectivation in Hanif Kureishi's novel *The Black Album*, focusing on the narrative perspectives associated with the use of illicit drugs. The theoretical discussion draws on the contributions of thinkers such as Canguilhem (2009), Cohen (2003), Deleuze (2019), Latour (2008), Rolnik (2007, 2021) and Rose (2001). Critical studies of the novel highlight that in the figuration of migrants, especially as far as the protagonist Shahid is concerned, two alternative cultural frames of reference are connected, liberalism and Islamic religious fundamentalism. The use of illicit drugs, understood as part of British liberal culture, appears as one of the equalizing points of these social codes, considering violence, destruction and monoculturalism as their common characteristics. This statement is problematized, suspending moral judgment on the consumption of illicit drugs. Possibilities of dissent are traced in the text, searching for other ways of reading it and the world it represents. It is understood that in order to know how bodies are affected, how differences are (counter)posed, it is necessary to analyze their constitutive, circumstantial relationships, without dwelling on the intersections of social and individual narratives. For this, it is necessary to map the inhuman circuits in which they are set in motion, to understand the body as a network of relationships, which apprehends the world through two simultaneous and complementary ways: perception (coded by culture and communicable) and affection (unformed and unspeakable). Any element that composes the body-agency, the rave party, religion, ecstasy, pop music, wine or literature, emerges as a type of *pharmakon*, poison-medicine, depending on the disposition of the bodies, its uses and its contexts.

Keywords: Hanif Kureishi; *The black album*; illicit drugs; alterity.

Received on September 27, 2023.

Accepted on November 14, 2023.

Introdução¹

Corpos aprendem a ser afetados e são postos em movimento de diversas maneiras. Bruno Latour, ao compreender o corpo como uma ‘interface’ e como uma ‘trajetória dinâmica’, afirma que “[...] quanto mais artificios estiverem presentes, mais *sensorium*, mais corpos, mais afeições, mais realidades serão registradas” (Latour, 2008, p. 46). Esta definição, na análise de processos de subjetivação, deslocaria a atenção das dicotomias eu/outro e indivíduo/sociedade, aos conjuntos de relações, às séries variáveis de alianças, às fusões, aos movimentos e às metamorfoses. Na crítica literária, por extensão, isso repercute na análise da construção de personagens, a destacar as composições entre humanos, objetos, animais e espaços; na instância narrativa, a considerar a correlação entre o que é dito, as maneiras de dizer e os processos perceptivos; nas perspectivas narrativas, dada a inseparabilidade entre quem vê e o que é visto.

Entretanto, os encontros de diferenças, as relações de um corpo, nem sempre instauram articulações, isto é, possibilidades de composições, de ampliação das existências. Nos fluxos, nos deslocamentos e nos encontros de culturas distintas, em fenômenos socioculturais como as migrações, as diásporas, nos cruzamentos de fronteiras geográficas, políticas e simbólicas, esta questão é central: como as diferenças se relacionam, como os corpos se afetam?

Este artigo se aproxima desta interrogação, a partir da análise da ficcionalização de encontros de alteridade, de diferenciação de si nas relações com o outro, na caracterização de personagens migrantes e, em específico, nas perspectivas narrativas associadas aos usos de drogas ilícitas, no romance *O álbum negro* (*The black album*), de Hanif Kureishi, publicado originalmente em 1995, traduzido para o português brasileiro em 1997, por Celso Nogueira.

A narrativa situa-se entre 1988 e 1989. Em especial, dois fenômenos do contexto histórico ressoam na trama: a controvérsia relacionada ao romance *Os versos satânicos* [1988], de Salman Rushdie (2012), e o *Segundo Verão do Amor* (Beaumont, 2015). O ‘caso Rushdie’ manifesta de forma extremada conflitos entre “[...] o Ocidente e o Islã” (Chaves, 2013, p. 13). *The second summer of love*, por sua vez, reverbera a cultura *hippie* da década de 1960 (Tierney, 2017) e marca os modos de vida da juventude, que entrelaça música eletrônica, dança e alterações das percepções associadas ao uso de substâncias psicoativas, como o *ecstasy*. Ecoam os desejos de usos livres dos corpos e dos prazeres, interpretados como individualistas e hedonistas ou, em contraponto, assinalados como contracondutas, experiências de constituição de comunidades (na cultura *rave*, por exemplo). A obra de Kureishi mostra tanto a promessa de dissidência e subversão, quanto a atomização individualista (O’Shea-Meddour, 2007; Beaumont, 2015; Chambers, 2019).

Outro elemento histórico de peso pode ser visto no final do governo de Margaret Thatcher (1979-1990), de tendência neoliberal, marcado pela precarização das condições de vida e de trabalho das classes sociais não proprietárias, em certa medida impossibilitadas, nas condições de expropriação e de exploração, de se protegerem dos riscos sociais com recursos próprios. Reduz-se a proteção social e ampliam-se as desigualdades socioeconômicas. A vulnerabilização de inúmeros grupos da sociedade britânica se associa à desagregação de vínculos sociais. Os fatores de insegurança distribuem-se de forma desigual e os britânicos muçulmanos são mais afetados que outros, fenômeno captado por Kureishi e matéria de sua ficcionalização (Athanasias, 2015). Não é à toa, portanto, que os muçulmanos se situam na parte mais pobre de Londres (Upstone, 2008).

Kureishi é um observador arguto e, como outros escritores de ficção, torna-se um tipo singular de ‘comentarista político’, que problematiza e desconstrói modos de perceber e de pensar a cultura britânica, ao expressar perspectivas dissidentes, divergentes (Afzal, Pakri, & Abdullah, 2021). Ocupa uma posição de dupla distância, das culturas de partida e de destino, que substancia a crítica aos pontos de vista dominantes na Inglaterra neoliberal e aos expressos pelos migrantes muçulmanos, de origem asiática (Ossowska-Czader, 2015). Kureishi, de certa forma, faz parte dessa diáspora e não se sente integralmente pertencente ao novo país (Ossowska-Czader, 2015).

Estes são aspectos do cenário histórico que reverberam no romance *O álbum negro* (Kureishi, 1997). O contexto de produção e de publicação da obra não é muito diferente, na metade da década de 1990. Em uma mirada mais panorâmica, sublinha-se que a segunda metade do século XX foi marcada por extensos fluxos migratórios, ligados às demandas de trabalhadores dos projetos europeus de reconstrução, após a Segunda Guerra Mundial, e a conflitos regionais, em diferentes partes do mundo. Ainda, é relevante o afluxo de atores

¹ O estudo foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

sociais oriundos de ex-colônias. Combina-se a proliferação de novas formas de viver, de perceber, de pensar e de imaginar o mundo com esforços de reformulação dos imaginários nacionais das culturas europeias. Não são negligenciáveis, também, as transformações no mundo do trabalho, com a emergência do pós-fordismo (Beaumont, 2015), com as despadronizações, flexibilizações e crescentes especializações das atividades produtivas, acompanhadas da fragilização de organizações coletivas (sindicais e estatais, de proteção social). As desagregações, o despedaçamento das relações de produção e dos vínculos sociais repercutem na fragmentação das identidades (Iwai, 2011). A obra de Kureishi posiciona-se neste contexto de intensos conflitos, de tensões e de transformações culturais e políticas, agravadas pelo governo Thatcher (Upstone, 2008).

A trama de *O álbum negro* (Kureishi, 1997), situada neste turbulento final da década de 1980, refere-se a um jovem estudante, da segunda geração de migrantes paquistaneses na Inglaterra, que se vincula a um grupo de fundamentalistas religiosos islâmicos, liderado pela personagem Riaz, e, ao mesmo tempo, a uma professora liberal, Deedee. Em uma narrativa com “[...] traços do romance de formação [...]” (Iwai, 2011, p. 66), esta tensão entre o fundamentalismo religioso e o liberalismo (afetivo, sexual, pedagógico) encenam na ficção os distintos sistemas simbólicos, diferentes modos de atribuição de sentido e de organização da experiência cotidiana. O romance capta assim algo que tem suas raízes nas relações de migrantes na sociedade britânica (Upstone, 2008). Nestas demarcações de distintos quadros simbólicos, instauram-se as construções de identidade ou as maneiras singulares de viver, de agir, de pensar, de imaginar e de perceber o mundo dos corpos em trânsito.

Sujeitos, identidades e mudanças: percursos da discussão

Na fortuna crítica do romance *O álbum negro* (Kureishi, 1997), sublinha-se a tensão entre as referências culturais (religiosas, políticas, econômicas, etc.) e os processos de subjetivação, isto é, contrastes entre instituições e movimentos. Nacionalismos, violência, racismo, islamofobia e sexualidade são algumas das temáticas que emergem na discussão das combinações e das exclusões entre identidades e diferenças performadas na trama ficcional.

As interpretações do romance realçam as construções de identidade e os encontros de alteridades. As personagens não escapam das pressões para se encaixarem em grupos e dos conflitos relativos às diferenças. Nestes processos, a vulnerabilização das comunidades marginalizadas e destituídas de direitos está em primeiro plano (Beaumont, 2015). Ressaltam-se movimentos de reconhecimento de limiares entre culturas, convenções e julgamentos sociais (Brown, 2011). Nos processos de diferenciação de si, evocam-se as inquietudes com as mudanças, relativas aos riscos de tornar-se outro (Hossain & Singh, 2017), em percursos que oscilam entre o rechaço do outro ameaçador (Afzal, Pakri, & Abdullah, 2022), a aceitação de diferenças (Upstone, 2008) e a hesitação entre polos, isto é, entre aspectos inconciliáveis (Elyasi, 2022), como o fundamentalismo religioso e o hedonismo individualista liberal.

As personagens migrantes, destaca a crítica, experimentam a sensação de não pertencimento (Ossowska-Czader, 2015) e contrapõem à atomização da cultura britânica neoliberal o comunitarismo de caráter religioso (Beaumont, 2015). Encena-se um conflito entre culturas abertas à pluralidade e formas de vida fundamentalistas (Upstone, 2008). A narrativa apontaria, entretanto, às possibilidades de hibridismo e de multiplicidade das subjetividades (Iwai, 2011; Beaumont, 2015). Isto é, as tensões identitárias nem sempre se resolveriam em práticas de exclusão, há borramentos de fronteiras (Ossowska-Czader, 2015). Esta perspectiva, por sua vez, arriscaria reproduzir as lógicas capitalistas da livre circulação de mercadorias e o hibridismo se converteria em uma espécie de identidade fixa (Upstone, 2008). Para Bhanot (2018), o romance privilegiaria a perspectiva do liberalismo. A representação de figuras que divergem deste ponto de vista seria caricaturada, estereotipada. Em sentido parecido, Afzal et al. (2022) considera que as personagens muçulmanas correspondem às expectativas ocidentais associados aos discursos islamofóbicos. No entanto, a subversão da islamofobia ocorreria de duas formas: a representação das personagens muçulmanas ressoaria como uma paródia (Afzal et al., 2022); ou, ainda, a trama expressaria explicações lógicas para ações violentas (Afzal et al., 2021), como práticas de resistência ao racismo, por exemplo. A complexidade, as ambiguidades e indeterminações na construção da trama não são menores nas matérias relativas ao gênero. As referências patriarcais, destaca Juhász (2011), inscrevem-se nas identidades masculinas islâmicas e nas ocidentais liberais, apesar de remeterem, respectivamente, às concepções essencialistas e construtivistas das relações de gênero.

Na construção das personagens migrantes, especialmente de Shahid, conectam-se dois quadros alternativos de referência, marcados desde o título. Upstone (2008) destaca que o *Black Album*, disco de Prince

que é referência para o processo criativo do romance de Kureishi, constitui um jogo de contrastes com o *White Album*, dos Beatles. Neste jogo, os quadros culturais implicados se sintetizariam como um negro e um branco (Upstone, 2008). Esta observação é bastante perspicaz, dado que, além das discriminações religiosas (islamofobia) e das problemáticas ligadas às relações de gênero, as questões étnico-raciais são centrais nas construções identitárias ficcionalizadas no romance em questão. Autores como Hossain e Singh (2017) e Upstone (2008) sinalizam que o racismo sofrido por migrantes na sociedade britânica é um dos fatores relevantes na constituição de suas identidades, nas divisões do eu/outro, na demarcação dos incluídos e dos excluídos em diferentes práticas institucionais e culturais. Traços da cultura islâmica de personagens da diáspora paquistanesa são subalternizados por meio da violência racista (Chaudhary, Islan, & Khan, 2021).

Além de o racismo provocar um fechamento e enclausuramento dos grupos racializados, ele incentivaria a violência fundamentalista (Upstone, 2008). A constituição de fundamentalismos religiosos se instituiria também como uma forma de resistência, de afirmação do valor da cultura de origem (Chambers, 2019), de instauração de estratégias e de espaços protetivos (Beaumont, 2015). Os fundamentalismos se instituiriam contra o colonialismo. Esta, por exemplo, é a compreensão de uma das personagens, primo de Shadid:

Aquele irmão também se recusava a falar inglês, embora esta fosse a língua corrente na casa, e a primeira que aprendera. Ele dizia que a geração de papai, com seu sotaque inglês, diploma tirado no exterior e esnobismo britânico, considerava sua própria gente inferior (Kureishi, 1997, p. 99).

Pertencer a um povo implicaria afirmar seus traços identitários e excluir os de outra cultura, dos colonizadores, do império.

Este modo de entender as relações interculturais na experiência de migração aparece em outros trechos do romance, como no discurso de Chad, personagem que no presente diegético se associa ao grupo fundamentalista islâmico e demarca sua alteridade (britânica, liberal) como inconciliável com sua identidade de origem, como inimiga:

Uma das irmãs foi desencaminhada pelos pós-modernistas. Elas a obrigaram a abandonar o lar paterno. A família, que a amava, entrou em contato com o irmão Riaz e comigo. A moça estava escondida. [...] A moça foi obrigada a declarar que a religião trata as mulheres como cidadãos de segunda classe. Riaz assumiu seu caso pessoalmente (Kureishi, 1997, p. 237).

Entretanto, a despeito da incorporação e explicitação destas vozes, destes posicionamentos ético-políticos sobre as relações de oposição entre culturas nas experiências de migração, *O álbum negro* (Kureishi, 1997) apresenta o racismo e o fundamentalismo religioso como inaceitáveis. A formação do protagonista, que não é narrador do relato diegético, mas é o principal focalizador, exclui esta escolha entre o racismo e o fundamentalismo. Sua composição é multifacetada, híbrida, como se nas primeiras páginas do romance a descrição que a personagem Deedee faz de Prince fosse a chave de leitura de toda a obra: “Prince é meio branco, meio negro, meio homem, meio mulher; de meia altura; feminino, porém macho” (Kureishi, 1997, p. 32).

Não são homogêneas e unísonas as caracterizações das personagens migrantes. Oscilam entre a máxima assimilação e aculturação (como no caso dos pais de Shahid e de seu irmão Chili), até a mínima integração (como nas experiências de Riaz, fundamentalista religioso). Shahid, o protagonista, experimenta diferentes relações e composições com os núcleos culturais de partida e de destino, em sua vivência na segunda geração de migrantes. A utilizar as definições de Paterson (2015) para referir-se a estes ‘sujeitos em movimento’, as caracterizações de Riaz, Chad e outros fundamentalistas islâmicos se aproximaria da definição de ‘sujeito migrante’, marcado pela sombra da perda, pela melancolia.

Shahid, por outro lado, considerada a heterogeneidade que compõe seu percurso formativo (amplo repertório musical e literário, experimentações religiosas islâmicas, vinculação com a cultura britânica e além de quaisquer fronteiras geográficas, sublinhado o interesse pela cultura pop, etc.), aproxima-se da definição de ‘sujeito pós-moderno’. Instauram-se posições de sujeito múltiplas. Não há propriamente uma ‘alegria da errância’, que definiria a posição de sujeito transnacional, mas um processo agonístico, de experimentações, dúvidas, curiosidades, confrontações.

Na trama do romance, há um contínuo contraste de interpelações que demandam o posicionamento das personagens, que criam as condições de possibilidade de organização de seus mundos materiais e dos sentidos atribuídos a suas experiências. Trata-se de um quadro bastante amplo e complexo. Ressaltam-se a seguir algumas destas linhas de força, destas práticas sociais e simbólicas que entrelaçam as identidades e as experiências das personagens migrantes: brancos x negros; risco/liberdade x segurança/controle; oriente x

ocidente; literatura x 'mundo real'; thatcherismo x justiça social; fundamentalismo x colonialismo; sensações/corpo x espírito. Destacam-se instâncias, processos e experiências de descentramento, deslocamento e fragmentação do sujeito.

Percebe-se que neste complexo quadro de posições de sujeito, de modos de interpelação e de ordenamento das experiências das personagens migrantes, compõem-se diagramas que entrecruzam sistemas classificatórios plurais, aspecto fundamental na distinção das identidades, isto é, da diferença em relação ao outro, considerada uma qualidade distintiva (Woodward, 2014). Estabelecem-se hierarquias de valores (por exemplo entre branco e negro), e o senso de inferioridade, inclusive racial, pode ser internalizado, como observa Hossain e Sing (2017), em relação ao pai de Shahid.

Na interface destas posições dicotômicas, as construções identitárias dos sujeitos migrantes não implicam necessariamente a exclusão de uma das perspectivas. Há possibilidades de combinações, de conciliações. Na construção do protagonista, Shahid, é a condição de não pertencimento (Ossowska-Czader, 2015) que o caracteriza. Seus deslocamentos apresentam esta marca, esta causa. Assim, distancia-se da família (primeira geração de migrantes paquistaneses), que reside no interior da Inglaterra, e migra para a capital, Londres. Esta é uma viagem de descoberta, na perspectiva de Kurten (2002). Há uma constante oscilação entre posições, a principal seria entre o fundamentalismo islâmico e o liberalismo (Iwai, 2011; Ossowska-Czader, 2015; Mohankumar, 2018).

As análises sobre como estes impasses se resolvem na formação da personagem são controversas. Iwai (2011, p. 77) sugere que Shahid começaria como um “[...] eu fragmentado [...]” e terminaria como um “[...] eu múltiplo”. Mohankumar entende que ele prefere a vida sensual com Deedde, que na perspectiva de Shahid o liberalismo substituiria o fundamentalismo (Mohankumar, 2018). Há uma nuance importante que particulariza estas leituras. Escolher abrir-se à alteridade, à diferenciação de si no encontro com o outro, não implica negar qualquer referência cultural, mas metamorfosear os traços que impediriam a coexistência e a composição plural. Esta também é a compreensão de Upstone, ao afirmar que Deedee e Shahid aceitam a diferença: “[...] um negro, uma branca; uma velha, um jovem; um homem, uma mulher” (Upstone, 2008, p. 19, tradução nossa)². Não se afirma nem o racismo que é fundante do capitalismo e do Estado liberal, nem o fundamentalismo islâmico, mas a possibilidade de permanente diferenciação.

Para a fortuna crítica relativa ao romance *O álbum negro* (Kureishi, 1997), inscreve-se como central a negociação entre distintos códigos culturais, entre formas de vida plurais, na construção das identidades de migrantes. Este entendimento converge para a nova concepção de sujeito e de identidade que emergiu no final do século XX, associada a transformações estruturais da sociedade, fragmentadas as “[...] paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Hall, 2006, p. 9). Não se pressupõe, nos termos de Stuart Hall, um “[...] indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação [...]”, o “[...] sujeito do iluminismo [...]” (Hall, 2006, p. 10), nem o sujeito sociológico, determinado pelas estruturas socioculturais (Hall, 2006).

Afirma-se uma categoria de sujeito pós-moderno, que imitaria a instabilidade e o caráter de permanente mudança da modernidade, assumiria diferentes e contraditórias identidades, não unificadas em torno de um eu, mas entendidas como séries de “[...] posições de sujeito” (Hall, 2006, p. 12). Destacam-se, neste contexto, como móveis do descentramento do sujeito, as maneiras de descrevê-lo e de narrá-lo. As posições de sujeito, as identidades, seriam construídas narrativamente, como identidades híbridas, de culturas interconectadas (Hall, 2006) ou nas tentativas de reafirmação de identidades purificadas, na reafirmação de fundamentalismos. Este ponto de vista ainda pressupõe o indivíduo como *locus* de subjetivação, em que as narrativas sociais e individuais se entrelaçam para compor um sujeito plural, multicultural.

Aqui se insinuam algumas divergências ensaiadas neste texto. O percurso analítico parte da problematização dos limites (ou dos limiares) dos corpos, da afirmação do corpo como potência, como ação, e não como substância ou essência, a partir de leituras de Gilles Deleuze (2019). Situam-se, também, as maneiras diversas de apreensão das diferenças (Rolnik, 2007, 2021), uma que se concentra na ‘percepção’, nos códigos sociais de referência, outra que envolve as forças não codificadas pela cultura, os ‘afetos’, o que exige que se ultrapasse a análise do estado das coisas, das delimitações das fronteiras entre o eu o outro, que se atente ao devir, não somente às construções de identidades e diferenças, mas aos processos de diferenciação. Destaca-

² No original: “[...] one black, one white; one old, one young; one male, one female”.

se a imprevisibilidade e a impossibilidade de generalização dos efeitos das exposições às diferenças. Por fim, ressalta-se que as referências aos corpos, às individualizações, às composições de relações não se restringem aos humanos, as práticas de subjetivação extrapolam os contornos da pele, constituem circuitos que envolvem humanos, animais, objetos, intensidades.

Esta série de conceitos, dos limiares dinâmicos dos corpos, da composição de formas e forças na apreensão do outro, da igualdade entre humanos e não humanos na composição de mundos, possibilitam que se revisite, sob novas perspectivas, os encontros de alteridades ficcionalizados no romance *O álbum negro* (Kureishi, 1997). Entretanto, em vez de recorrer ao núcleo temático mais frequente nas análises, que se refere às relações entre o liberalismo e o islamismo (que, na narrativa, desdobra-se em fundamentalismos religiosos), propõe-se a análise das perspectivas narrativas associadas aos usos de drogas ilícitas. Vale observar que, na ficção em estudo, as principais referências são ao consumo de ecstasy, vinculado à cultura *rave*. Ecstasy, de etimologia latina, *Extasis*, em português, êxtase, um modo de referir-se às experiências e estados ‘fora de si’.

Como os estudos críticos de *O álbum negro* interpretam a questão?

No romance de Kureishi, os usos de drogas ilícitas aparecem como modos de abertura à alteridade, de lançar-se para fora de si, de apreender a presença viva do outro? Essa questão é marginal nas análises de *O álbum negro* (Kureishi, 1997). Em geral, a crítica situa as experiências com drogas ilícitas como parte da cultura liberal, britânica, restrita a experiências monoculturais (Chambers, 2019), como um dos extremos do liberalismo (Chambers, 2019), associadas ao hiperconsumismo (Upstone, 2008) e ao hedonismo (Chambers, 2019; O’Shea-Meddour, 2007), equiparáveis ao terrorismo, consideradas as relações com a violência e a autodestruição (O’Shea-Meddour, 2007). Estas afirmações compartilham a visão hegemônica que associa o uso de drogas não medicamentosas à transgressão, à irracionalidade, à falta de força e de vontade, à “[...] fraqueza, física e moral” (Vargas, 2005, p. 592). Desconsideram-se eventuais potenciais destas experimentações. Outras interpretações são possíveis?

Antes de analisar as perspectivas narrativas sobre o uso ilícito de drogas em *O álbum negro* (Kureishi, 1997), sem inscrevê-las *a priori* em juízos morais, entre o bem e o mal, é necessário mapear as interpretações correntes. Este não é um assunto com destaque nos estudos da obra. Não é abordada em nenhum texto específico. Costuma-se associar o tema à sexualidade e a outros prazeres corporais, compreendidos como marcas de diferenciação entre os fundamentalismos religiosos islâmicos e o liberalismo ocidental. Assim se situariam os posicionamentos do grupo de estudantes islâmicos liderados por Riaz, que privilegiariam “[...] os prazeres do espírito em contraponto aos do corpo”³ (Beaumont, 2015, p. 62, tradução nossa).

“Sexo, drogas e pornografia [...]” (Athaniades, 2015, p. 63, tradução nossa)⁴ compõem a relação liberal de Shahid e Deedde, contraposta à “[...] abstinência sexual no grupo de Riaz”⁵ (Athaniades, 2015, p. 63, tradução nossa). As consequências políticas das posições liberais e islâmicas fundamentalistas seriam diferentes, ambas negativas. A busca do prazer individual implicaria o desengajamento na esfera pública, na cidade (Beaumont, 2015). Do outro lado, emergiria o comunitarismo nacionalista, a recusa das diferenças, a impossibilidade de se deixar afetar pelo outro. Predominaria, em qualquer horizonte, a reprodução de normas sociais, de determinadas maneiras de existir. O caráter experimental da sexualidade e dos usos de droga ilícitas desapareceria em repetições intermináveis, caracterizadas pela solidão e autodestruição (O’Shea-Meddour, 2007; Chambers, 2019). Sublinha-se, nestes termos, o efeito apolítico do uso de drogas, que isolaria o sujeito e o retiraria das esferas sociais e políticas (Beaumont, 2015).

O contexto implicado é o das culturas jovens urbanas, em que a ‘cultura *rave*’ figura como uma das possibilidades, que associa música eletrônica dançante (*Electronic Dance Music*) e uso de drogas (Beaumont, 2015). Este nicho cultural figuraria como uma das linhas de dissidência na trama de *O álbum negro* (Kureishi, 1997), ao lado das experimentações sexuais e das oportunidades de autorrealização na cidade (Beaumont, 2015). Nas *raves*, no entanto, impõem-se identidades homogeneizadas e esvaziadas do caráter político da esfera pública (Beaumont, 2015). Atomista (Beaumont, 2015), individualista, não inclusiva, a cena *rave* aparece no romance de Kureishi em um clube monocultural (Chambers, 2019), em que Shahid se sente deslocado.

³ No original: “[...] the pleasures of the spirit over those of the body”.

⁴ No original: “Sex, drugs and pornography”.

⁵ No original: “[...] sexual abstinence, in Riaz’s group”.

Chambers (2019, p. 62, tradução nossa) entende que a “[...] virada sensorial [...]”⁶, que ocorria nos anos 90, contexto de produção da obra de Kureishi, ressoaria nos textos muçulmanos britânicos e atribuiria sentidos agradáveis a experiências sexuais, de uso recreativo de drogas, de dança e outras. Entretanto, sobre os limites mais livres destas experiências pairaria ainda uma “[...] moralidade residual”⁷ (Chambers, 2019, p. 63, tradução nossa). Sexo, drogas, música e dança: estas experiências sensoriais, de prazer e de desejo configurariam o caráter imprevisível da cena *rave* (Beaumont, 2015). É esta imprevisibilidade, notada, mas pouco comentada pela crítica, que reserva possibilidades de resignificação das perspectivas narrativas sobre os usos de drogas ilícitas.

Em compensação, evidências textuais de *O álbum negro* (Kureishi, 1997) limitariam a atribuição de efeitos positivos ligados aos usos de drogas. Neste campo, figura a cena em que Riaz cuida de Shahid, que vomitara e desmaiara depois dos excessos hedonistas (Chambers, 2019); e o uso da “[...] linguagem do terrorismo [...]”⁸ (O’Shea-Meddour, 2007, p. 88, tradução nossa), ao referir-se ao ecstasy, no primeiro uso de Shahid, como uma ‘bomba’; ao descrever os arames farpados, as câmeras de segurança e os corpos espalhados pelo chão, no local da *rave* (O’Shea-Meddour, 2007).

As posições extremistas do liberalismo e do fundamentalismo religioso representariam uma aproximação nas experiências de dominação e manipulação, que, na relação liberal entre Shahid e Deede, seriam induzidas pelo uso de drogas (O’Shea-Meddour, 2007); nas “[...] formas de dependência infantil, vício, intoxicação [...]”⁹ (O’Shea-Meddour, 2007, p. 95, tradução nossa), de suspensão da razão e da vontade.

Outras maneiras de interpretar

Para a crítica literária de *O álbum negro* (Kureishi, 1997), parece que o uso de drogas ilícitas assume conotações negativas. Violência, destruição e monoculturalismo seriam suas características comuns. Este entendimento converge no senso comum contemporâneo, que se projeta em uma política global de ‘guerra às drogas’, simétrica, nas relações internacionais e de governo das populações, à ‘guerra ao terrorismo’. Estas guerras de nosso tempo, “[...] trouxeram um novo sentido para o conceito de guerra [...]” (Passos & Souza, 2011, p. 155), dado que instituem “[...] um ‘objeto’ global que torna cada vez mais imprecisa a distinção entre ‘conflitos externos’ e ‘segurança interna’” (Passos & Souza, 2011, p. 155, grifo dos autores).

As políticas antidrogas promovem ações de repressão, de disciplinamento e de controle das populações. Na relação com os usuários de drogas, isto é, na esfera da demanda, a partir de um viés biologicista, ignoram-se os determinantes sociais, as relações com as condições de vida e de trabalho, com as maneiras de viver. Prescreve-se a abstinência, ao se considerar qualquer tipo de uso como um desvio, um risco à saúde. Supõe-se que o saudável corresponderia a uma norma estabelecida a partir de juízos de valor ou de análises de frequências nas populações, confundindo-se com o que é típico. Em termos foucaultianos, referem-se aos dispositivos disciplinares e de segurança e seus processos de ‘normação’ e de ‘normalização’ (Foucault, 2008).

Por outro lado, no combate à produção das substâncias, emergem as distinções entre países produtores e consumidores e desloca-se “[...] para os países periféricos a fonte causadora dos problemas gerados pelo tráfico de drogas” (Passos & Souza, 2011, p. 155). Instauram-se, assim, práticas de governo de diferentes formas de vida, que se juntam a outras estratégias imperialistas e colonialistas. Na guerra às drogas e na guerra ao terrorismo, as definições de centro e de periferias aproximam-se.

Se, por um lado, os estudos críticos de *O álbum negro* (Kureishi, 1997) apontam as relações entre os usos de drogas e as subjetividades consumistas do liberalismo, por outro, ignoram a complexidade e a relevância sociopolítica da guerra às drogas. Ainda, desconsideram qualquer potencial de práticas sociais desviantes, como o uso de substâncias ilegais, que provocam alterações sensoriais, de comportamento, de percepção e de pensamento. Não problematizam as tensões, nos termos de Canguilhem (2009), entre ‘normatividade vital’, isto é, as potências das diferentes formas de vida, e ‘normas sociais’, que são as construções culturais das noções de bem viver. Estes discursos da crítica literária são determinados e limitados pela narrativa ficcional ou o romance *O álbum negro* (Kureishi, 1997) possibilita o estranhamento destas concepções dominantes sobre os usos de drogas ilícitas? Afinal, os usos de drogas ilícitas são modos de ensimesmamento ou de abertura à alteridade? Quais os limites interpretativos desta questão no romance em discussão?

⁶ No original: “[...] sensory turn”.

⁷ No original: “[...] residual morality”.

⁸ No original: “[...] language of terrorism”.

⁹ No original: “[...] in the form of infantile dependence, addiction, intoxication”.

A construção das personagens migrantes no romance implica a gestão de sentidos de dois quadros culturais de referências alternativos, o liberalismo e o fundamentalismo religioso islâmico, e, para a crítica literária revisada até aqui, o uso de drogas ilícitas seria uma das faces destrutivas do primeiro, assim como a queima de livros, do segundo. A figuração de usuários de drogas seria um dos modos de a obra criticar o liberalismo. O uso de drogas delimitaria, no romance, um último limite às possibilidades de multiculturalidade ou de hibridismo cultural, seria uma prática social que impede a coexistência de diferenças e a composição plural.

Representaria a aculturação total ao liberalismo, em seus modos extremados de hedonismo, hiperconsumismo e individualismo. A droga-bomba, a *rave* que se assemelha a um cenário de guerra, a abstinência de Chad após a conversão ao islamismo, o desmaio e o vômito de Shahid, socorrido por Riaz, a figura estereotipada de Strapper, traficante e usuário de drogas: há muitos indícios de que, se o uso de drogas é uma maneira de ‘sair de si’, esta diferenciação subjetiva não criaria outras formas de vida, mas se desdobraria em séries de destruições e em repetições mortíferas.

Uma alternativa seria rastrear no texto literário possibilidades de dissenso em relação às maneiras predominantes de ler nos estudos críticos do romance de Kureishi. É preciso, para tal, mudar os pressupostos de leitura e considerar que substâncias psicoativas, em algumas circunstâncias, ampliam a potência dos corpos, na esteira do entendimento de Latour, de que quanto “[...] mais *sensorium*, mais corpos, mais afeições, mais realidades serão registradas” (Latour, 2008, p. 46). Em outros termos, seria possível dizer que as formas de vida desviantes podem ser “[...] desdobramentos de modos de existência virtuais [...]” (Braidotti, 2000, p. 172), experimentações e alargamentos dos limiares de ação de humanos e não humanos; que saúde também é ‘abertura aos riscos’ (Caponi, 2003), um jogo das possíveis maneiras de “[...] enfrentar as infidelidades [...]” (Caponi, 2003, p. 63) do corpo em suas redes de relações constitutivas. Estes pressupostos, que inscrevem as drogas ilícitas como *pharmakon*, veneno e remédio, seriam suficientes para mudar as interpretações deste tema em *O álbum negro* (Kureishi, 1997) ou as perspectivas narrativas são restritivas?

Entre parênteses: a opacidade das coisas impede a totalização dos significados

É preciso lembrar que, em *O álbum negro* (Kureishi, 1997), o mundo é visto pelos olhos de Shahid. A voz que narra é externa, não participa da trama, mas as percepções, as seleções e as restrições de informações, isto é, a focalização (Niederhoff, 2013), o ponto de vista, é do protagonista. Raras vezes ocorre um pequeno deslocamento e tornam-se acessíveis as perspectivas de outras personagens. O narrador pouco se intromete. Mergulha-se no campo perceptivo ficcionalizado de um filho de migrantes paquistaneses, nascido na Inglaterra, que se encontra em sua própria viagem de descobertas e de formação, recém-afastado da família, sai do interior e transita na imensidão de Londres. A visão é de um corpo em movimento e em expansão, à procura de outros laços sociais e afetivos, retira-se dos conhecidos “[...] campos de Kent [...]” e entra na sonhada “[...] vida dura e desregrada de Londres” (Kureishi, 1997, p. 11). Abandona o “[...] centro de operações [...]” (Kureishi, 1997, p. 59) do pai e adentra na “[...] cidade ilimitada, informe” (Kureishi, 1997, p. 64).

Neste percurso, em que o horizonte parece se alargar, é confrontado com a ‘miséria mundana’, com a diversidade incompreensível, que assombra, em lugares em que a desrazão, o que ultrapassa as possibilidades de definição, o não inteligível, o inominável proliferam nas ruas, a ponto de imaginar “[...] que um hospício das proximidades havia sido fechado recentemente, pois dia e noite dúzias de exibicionistas, malucos e similares ficavam falando sozinhos na High Road” (Kureishi, 1997, p. 11). Anda “[...] cheio de expectativas e ansiedade” (Kureishi, 1997, p. 12). Parte do que apreende do mundo, dos outros, não compreende. ‘Percebe’ e é ‘afetado’ não podem explicar, atribuir sentidos a tudo. Entretanto, o que não tem sentido, o inominável, o incompreensível, a opacidade dos afetos também é causa de movimentos, cria realidades. A cartografia destas zonas de indeterminação indicaria algumas pistas sobre os encontros de alteridade, os processos de diferenciação de si nas relações com o outro, inclusive com o outro não humano.

Cena de dissenso: a bomba

Deedee lança a primeira bomba. Shahid, em Londres, é empurrado para os lugares dos estrangeiros. As aberturas da cidade camuflam-se em labirintos. Correm-se riscos. “Naquela imundície toda [...]” (Kureishi, 1997, p. 24), neste mundo das coisas fora dos lugares¹⁰ conhecidos e esperados, ampliam-se as incertezas e as

¹⁰ Kathryn Woodward (2014), no texto *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, a partir de Mary Douglas, aponta que a noção de sujeira depende da definição de uma ordem, de certa expectativa de distribuição das coisas no espaço.

inseguranças. O outro é imprevisível e, a qualquer tempo, “[...] bem que poderia aparecer um ladrão, armado com uma faca” (Kureishi, 1997). Ressaltam-se as diferenças: “[...] aonde quer que eu fosse, era sempre o único de pele escura” (Kureishi, 1997, p. 18). A atmosfera pode ser antiquada e asfixiante. É na faculdade que “[...] ficava num prédio vitoriano, sufocante” (Kureishi, 1997, p. 31), destinada a “[...] negros e asiáticos [...]” (Kureishi, 1997, p. 31), precária, com “[...] uma biblioteca inútil e nada de quadra esportiva [...]” (Kureishi, 1997, p. 31), que aflora o desejo de novos encontros, “[...] ansiava por ver Deedee Osgood” (Kureishi, 1997, p. 31).

Instaura-se a abertura aos acontecimentos, o que se definiria, nos termos de Larrosa (2009, p. 15-17, tradução nossa), como um princípio de alteridade e de exterioridade, a disposição a tornar-se um “[...] território de passagem [...]”¹¹ de algo “[...] radicalmente outro [...]”¹². Shahid prefere “[...] enfrentar as assombrações da cidade grande do que o sol ofuscante das cidades do interior” (Kureishi, 1997, p. 24). É nesta opacidade, nessa escuridão, que a bomba de Deedee é arremessada. Entre o calculável e o incalculável. Com consequências imprevisíveis.

Shahid passeava com a indefinível professora, a que, “[...] antes que ela se apresentasse [...]” (Kureishi, 1997, p. 32) confundira “[...] com uma aluna” (Kureishi, 1997, p. 32). “Calculava¹³ que Deedee seria provavelmente mais complicada do que ele poderia entender [...]” (Kureishi, 1997, p. 63), quando apareceram as “[...] duas minúsculas bombas [...]” (Kureishi, 1997, p. 63), “[...] as pílulas brancas raiadas¹⁴” (Kureishi, 1997, p. 63). Explodiriam o seu mundo? O que aconteceria se, em vez de “[...] vinhos e literatura [...]” (Kureishi, 1997, p. 63), esbarrasse com “[...] música pop e drogas” (Kureishi, 1997, p. 63)? Que mundo era este que estaria ameaçado, que poderia se destruir? Insinua-se a “[...] linguagem do terrorismo [...]”¹⁵ (O’Shea-Meddour, 2007, p. 88, tradução nossa) a ameaça de morte? Não. Se os artefatos explosivos terroristas provocam o medo e o horror contra as incertezas e as diferenças, para afirmar uma única forma de vida, estas pílulas-bomba seriam incorporadas, se juntariam a um modo de ser e, talvez, o diferenciariam. Seriam “[...] algo para rir e dançar à beça [...]” (Kureishi, 1997, p. 63), para provocar movimentos.

Entretanto, esta é apenas uma promessa de sentido. Shahid fica “[...] tenso [...]” (Kureishi, 1997, p. 63) e lembra dos discursos da mãe, sobre as coisas ‘erradas’, como as drogas ilícitas. Experimentara a pílula antes. E o que lhe acontecera? “Tomei meia, e a pessoa que me deu disse que eu precisava conhecer você [...]” (Kureishi, 1997, p. 64), diz para Deedee. “Foi este o efeito” (Kureishi, 1997, p. 64). Não a devastação, nem a morte: um *affaire*. Isto é, o efeito de sua primeira “bomba” foi a ampliação de suas relações, de suas composições, das possibilidades de existência. Ruíam as amarras que impediam a proliferação de mundos.

O que agora o moveria seriam estes sentidos opostos, as ressalvas maternas e as promessas de prazer, de sair de si, de irrupção de forças irracionais, ao usar esta pílula que, como diria Deedee, “[...] me deixa louquinha” (Kureishi, 1997, p. 64)? Permaneceria o mesmo, preservaria sua identidade, ou se entregaria ao desconhecido, a algum princípio incontrolável de alienação de si, deixando afetar-se pelas possibilidades de perda dos sentidos? Neste impasse, irrompem outras memórias. Recusa a “[...] bomba [...]”, se diz “[...] bem louco [...]” (Kureishi, 1997, p. 64) por ter assistido aos vídeos do Prince. Sublinhe-se que é uma bomba que pode ser recusada, o que também a distingue das explosões terroristas.

Cogita interromper o passeio, parar o movimento em direção ao inexplorado, ao obscuro, e integrar a comunidade de Riaz, o grupo das “[...] primeiras pessoas iguais a ele que conheceu” (Kureishi, 1997, p. 64). Este é o quadro das ‘percepções’ de Shahid confrontado com as pílulas-bomba de Deedee, na fronteira entre diferentes formas de vida. Entretanto, o que se passa a seguir não é determinado somente pela gestão destes sentidos, dos códigos sociais contrapostos. Entre estas instituições, que, em alguma medida, se correlacionariam ao liberalismo e ao fundamentalismo religioso, o corpo é afetado por forças in-formes, por coisas que escapam dos domínios do sujeito.

Na errância, entre a pílula que o arrancaria para fora de si, as lembranças dos juízos morais familiares e a segurança de encontrar-se entre iguais, Shahid se desorienta, não sabe onde está; é Deedee que aponta para o rio (Kureishi, 1997), um ponto de referência, um lugar conhecido. No entanto, não são as referências de Deedee que o conduzem. Saber onde está e qual o destino, imaginar-se livre, independente, afinal, “[...] ele teria descoberto isso por conta própria [...]” (Kureishi, 1997, p. 65), nada o apaziguaria. A cidade o devora: “[...]”

¹¹ No original: “[...] territorio de paso”.

¹² No original: “[...] radicalmente otro”.

¹³ Observe-se o verbo, calcular, a razão esforça-se para medir, determinar, prever, entender. E algo sempre lhe escapa. Não entende.

¹⁴ Refere-se a drogas ilícitas, pílulas de ecstasy.

¹⁵ No original: “[...] language of terrorism”.

os rebordos da ponte os introduziam na boca que levava ao sul de Londres” (Kureishi, 1997, p. 65). Sente-se desconfortável, desgosta-se com os modos de Deedee. Não são pensamentos claros e distintos que instruem suas ações e determinam seu estado. Inunda-se de sensações indefiníveis. O aquecimento do táxi o sufoca, “[...] penetrava nas roupas, na pele que ia umedecendo. Precisava tirar a roupa, tomar um pouco de ar” (Kureishi, 1997, p. 65). À sombra de códigos sociais divergentes, que impõem um posicionamento do sujeito, que exigem escolhas, o que causará o movimento de Shahid não é inteligível, não é explicável, não é codificável.

“Pensou [...]” (Kureishi, 1997, p. 65), decidiu que “[...] precisava refletir [...]” (Kureishi, 1997, p. 65) antes de agir. “Não adiantaria nada ficar se debatendo como um gato na chuva [...]” (Kureishi, 1997, p. 65), não valeria se mover por instintos, por impulso de alguma animalidade, ‘pensava’. Mas não era somente a razão o móbil do que se passava. O que estava à sua volta, naquele instante, resistia às suas intenções. Tentou abrir a janela do carro, “[...] mas ela não cedeu” (Kureishi, 1997, p. 65). Há coisas que o afetam, forma-se um circuito entre humano, objetos e intensidades, instaura-se um corpo-agenciamento¹⁶.

Deedee abriria a janela e outros ares entrariam. “A brisa fumegante do rio invadiu o táxi, bem-vinda” (Kureishi, 1997, p. 65). O rio e a brisa interfeririam nos destinos de Shahid? Esta passagem poderia ser interpretada como alegórica: o liberalismo de Deedee abriria o ambiente sufocante e o arejaria. Assim, restaurava o império da ordem simbólica, da linguagem, dos códigos sociais em jogo, da razão, do sujeito que escolhe entre diferentes sentidos ofertados. Outra opção seria suportar e abrir-se mais um pouco ao domínio das sensações, do inominável, das comparações aproximativas, da impossibilidade de definição dos sentidos dos acontecimentos. Assim, a leitura se moveria, como a personagem, entre o calor que ‘penetrava nas roupas’, os pensamentos que nada concluem, o mundo que resiste à vontade e a ‘música pop’, o “[...] som que mexeu com seus joelhos” (Kureishi, 1997, p. 65). Note-se que não são a razão e a vontade que determinam o movimento do corpo. Atente-se à série de metáforas e ao animismo, à agência dos corpos inertes: a ponte que introduz, a boca que leva, a brisa do rio que invade, a janela que não cede, o som que mexe com os joelhos. Esta série de afetos, de sensações, de relações entre corpos e intensidades constitui o corpo de Shahid, que fecha os olhos e enfia a “[...] pílula na boca” (Kureishi, 1997, p. 66).

Para descrever esta zona de indeterminações, não das percepções vividas, inteligíveis e comunicáveis, mas dos ‘afetos’, da presença viva do mundo (Rolnik, 2021), dos devires, das passagens entre estados, que não se confundem com qualquer forma, isto é, para descrever o indescritível, a narrativa evoca inúmeros elementos (ponte, boca, calor, brisa, janela, som), que criam sentidos vagos, imprecisos, furtivos. Observa-se, nos termos de Nikolas Rose (2001), que não é necessariamente o agente humano o núcleo de produção de sentidos. O mundo encontra-se estilizado antes da pílula-bomba. Mas esta dispersão de elementos, este processo de subjetivação que ultrapassa o envelope da pele¹⁷, não é um jogo de destruição, é um modo de invenção e de afirmação da vida.

Na composição destes corpos-agenciamentos, não é possível definir generalizações, relações regulares de causa e efeito. Não é possível prever as transformações dos corpos em movimento, em relações com instituições culturais islâmicas, paquistaneses, londrinas, expostos a narrativas literárias diversas, às práticas racistas, à música eletrônica, ao ecstasy etc. Não se sabe como os corpos que compartilham exposições e interações semelhantes serão afetados singularmente por estes elementos de sua ‘constelação’. Nas relações de um corpo, que transbordam a razão, a recorrer ao pensamento de Spinoza, poderia se dizer que “[...] é útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores” (Spinoza, 2013, p. 311).

Assim como não se sabe como os corpos serão afetados pelo aquecimento do carro, pela resistência da janela e pela brisa do rio, é indeterminável o que acontecerá na relação entre paquistaneses e londrinos, ou entre Shahid e o ecstasy. Inúmeras trajetórias são possíveis. Outra vez a recordar as palavras de Spinoza, seria possível sustentar que “[...] uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente. Por exemplo, a música é boa para o melancólico; má para o aflito; nem boa, nem má para o surdo” (Spinoza, 2013, p. 267). A festa *rave*, a religião, o ecstasy, a música pop, o vinho ou a literatura são um tipo de *pharmacón*, veneno-remédio, a depender das composições e das disposições dos corpos, dos usos e dos contextos.

Conhecer como os corpos são afetados, como as diferenças se relacionam, implica a análise de suas relações constitutivas, situadas, circunstanciais, sem deter-se nas intersecções das narrativas sociais e individuais, a

¹⁶ Esta ideia referencia-se no texto *The Inhuman Circuit*, de Jeffrey Jerome Cohen (2003), que analisa a cavalaria como uma tecnologia do eu medieval, em que homens e cavalos constituem-se mutuamente, em suas relações. Na transposição conceitual proposta neste ensaio, não se considera um circuito estável, uma rede estruturada de conexões entre humanos e não humanos, mas o pressuposto de que se constituem junções, de que os corpos se afetam, se movem e se diferenciam.

¹⁷ Referência à ideia de Nikolas Rose (2001, p. 149), que, a partir de Deleuze e Guattari, que compreende o *eu* como um signo vazio, “[...] constantemente reaberto [...]”, que implica afetos e intensidades pré-pessoais.

cartografar os circuitos inumanos em que são postos em movimento, a compreender o corpo como uma rede de relações, que apreende o mundo por duas vias simultâneas e complementares, a percepção (codificada pela cultura, comunicável, esfera do sujeito, das formas, do diferenciado) e o afeto (informe, indizível, das forças, da diferenciação).

Na cena do romance aqui analisada, há algo que escapa, que ultrapassa a linguagem e os códigos culturais, acontecimentos na esfera das sensações, da (des)subjetivação, do devir. As transformações, os efeitos de alteridade, de diferenciação de si no encontro com o outro se mostram elusivos, imprevisíveis, indescritíveis, dependem de experimentações, de tentativas e não das substâncias ou essências (naturais ou construídas) dos corpos.

Considerações finais

Partir da premissa de que nada é bom ou mau em si, de que os modos como os corpos afetam e são afetados correlacionam-se a aspectos diversos (por exemplo, a variabilidade de seus atributos, as disposições circunstanciais, a intensidade e a duração dos encontros) implica mudanças nos esforços de compreensão da ficcionalização de relações socioculturais. Sugere-se a análise de agenciamentos singulares, situados, que, ao mesmo tempo que se referenciam em códigos sociais compartilhados, mais ou menos estabilizados em uma época e lugar, comportam forças não codificadas pela cultura, intensidades não nomeáveis, associadas aos humanos e aos não humanos.

Entender o que acontece no encontro de diferenças, entre perspectivas narrativas (e culturas) distintas, como o islamismo e o liberalismo inglês do final do século XX, envolve, além de matizar a pluralidade de expressões, de significados, de maneiras de viver associadas a estas amplas categorias, considerar-se que as práticas de subjetivação e as formas de vida não decorrem somente da negociação de sentidos e de normas sociais por centros de consciência humanos. Múltiplas coisas são mobilizadas e agem nas trajetórias dinâmicas em que os corpos criam e registram realidades, que não se reduzem a existências formais, inteligíveis.

É evidente que as condições de existência interferem nas possibilidades das afecções, regulam a variabilidade dos encontros, a distribuição e a disposição das coisas. Por exemplo, o que podem ‘negros e asiáticos’, na Inglaterra thatcherista, diante de “[...] uma biblioteca inútil e nada de quadra esportiva” (Kureishi, 1997, p. 31)? O que podem os usuários de drogas ilícitas em meio à guerra (moral e policial) às drogas? Sem desconsiderar que formas de vida se realizam em determinadas condições materiais e inscrevem-se em formações discursivas que criam os regimes de (in)visibilidade, juízos e hierarquias de valor, ressalta-se a imprevisibilidade dos acontecimentos que nascem a partir dos afetos, de intensidades não governadas pela razão, nem codificadas pela cultura.

Na crítica literária, considerar os ‘afetos’ além da ‘percepção’, as sensações sem referências simbólicas, o não compreensível e não comunicável, implica a ampliação dos elementos levados em conta nas perspectivas narrativas. É preciso borrar os limiares entre o que vê e o que é visto, as fronteiras entre os corpos humanos e não humanos. Num instante qualquer, um circuito entre humanos, objetos, animais e plantas cria um ‘clima’, uma ‘atmosfera’ peculiar, condições singulares de desvio, de ruptura, de começo de uma série indeterminável de acontecimentos, que não corresponde a um conjunto de códigos comunicáveis. Para interpretar o que se passa em determinada cena, sob o ponto de vista de uma personagem, não basta conhecer seus pensamentos e percepções, não é suficiente analisar a linguagem, é preciso atentar-se ao que não tem língua, às sensações indefiníveis, começos de mundos por vir, fora de si.

Referências

- Afzal, M. H., Pakri, M. R. M., & Abdullah, N. F. L. (2021). Pre-9/11 politics of islamophobia and Hanif Kureishi's *The black album* (1995). *GEMA Online Journal of Language Studies*, 21(2), 72-85. DOI: <https://doi.org/10.17576/gema-2021-2102-04>
- Afzal, M. H., Pakri, M. R. M., & Abdullah, N. F. L. (2022). Islamization vs. islamophobia: a new historicist reading of cold war politics in contemporary pakistani anglophone fiction. *International Journal of Arabic-English Studies*, 22(1), 257-274. DOI: <https://doi.org/10.33806/ijaes2000.22.1.14>
- Athanasiades, A. (2015). Repossessing islam: affective identity and islamic fundamentalism in Hanif Kureishi. *Indialogs*, 2(1), 55-71. DOI: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/indialogs.17>
- Beaumont, A. (2015). Rave to the grave: Hanif Kureishi and the failure of left culturalism. In A. Beaumont (Org.), *Contemporary british fiction and the cultural politics of disenfranchisement: freedom and the city* (p. 58-90). London, UK: Palgrave Macmillan UK.

- Bhanot, K. (2018). Love, sex, and desire vs islam in british muslim literature. In A. Kanwal, & S. Aslam (Orgs.), *The routledge companion to pakistani anglophone writing* (p. 200-212). London, UK: Taylor and Francis.
- Braidotti, Rosi. (2000). Teratologies. In I. Buchanan, & C. Colebrook (Orgs.), *Deleuze and feminist theory* (p. 156-172). Edinburgh, UK: University Press.
- Brown, L. A. (2011). Suited up in the compositional realm of ‘the Artist Formerly Known as Prince’: identity, belonging, and acceptance in Hanif Kureishi’s *The black album*. *Pakistaniaat*, 3(3), 1-12.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (M. T. R. C. Barrocas, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Caponi, S. (2003). A saúde como abertura ao risco. In D. Czeresnia (Org.), *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências* (p. 55-77). Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.
- Chambers, C. (2019). ‘I wanted a human touch’: Hanif Kureishi’s *The black album*. In *Making sense of contemporary british muslim novels* (p. 41-69). London, UK: Palgrave Macmillan.
- Chaves, L. H. (2013). *Caso Rushdie: direitos humanos e islamismo como instrumentos de conflito*. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica.
- Chaudhary, D. F., Islan, M., & Khan, D. M. Y. (2021). Reading the subaltern other: a postcolonial critique of Kureishi’s *The black album*. *Sjesr*, 4(2), 61-70. DOI : [https://doi.org/10.36902/sjesr-vol4-iss2-2021\(61-70\)](https://doi.org/10.36902/sjesr-vol4-iss2-2021(61-70))
- Cohen, J. J. (2003). The inhuman circuit. In J. J. Cohen, & G. Weiss (Orgs.), *Thinking the limits of the body* (p. 167-186). Albany, NY: State University of New York Press.
- Deleuze, G. (2019). *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)* (E. A. R. Fragoso, F. E. B. Castro, H. R. Cardoso Júnior, & J. A. Aquino, Trads.). Fortaleza, CE: EdUECE.
- Elyasi, F. (2022). Assimilation and resistance in Hanif Kureishi’s *The black album*. *International Journal of English Literature and Social Sciences*, 7(5), 180-187. DOI: <https://doi.org/10.22161/ijels.75.29>
- Foucault, M. (2008). *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)* (E. Brandão, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. Silva, & G. L. Louro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Hossain, S. D., & Singh, R. (2017). Problematics of multiculturalism: exploring the dynamics of cultural proximity in Hanif Kureishi’s trilogy: *The Buddha of suburbia*, *The black album*, and *My son the fanatic*. *Forum for World Literature Studies*, 9(2), 302-316. Recuperado de <https://www.fwls.org/uploads/soft/210603/10480-210603105354.pdf>
- Iwai, M. (2011). A fragmentação do eu num mundo estilhaçado em o *Álbum Negro*, de Hanif Kureishi. *Revista Intratextos*, 3(1), 65-79. DOI: <https://doi.org/10.12957/intratextos.2011.2367>
- Juhász, T. (2011). Writing Gender: literary identity politics in Hanif Kureishi’s *The black album*. *Transnational Literature*, 3(2), 1-12. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/266033122_Writing_Gender_Literary_Identity_Politics_in_Hanif_Kureishi's_The_Black_Album_Tamas_Juhasz
- Kureishi, H. (1997). *O álbum negro* (C. Nogueira, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Kurten, M. (2002). Negotiating identities: expressions of ‘culture’ in british migrant literature. *Atlantic Literary Review*, 3(2), 47-55.
- Larrosa, J. (2009). Experiencia y alteridade en educación. In C. Skliar, & J. Larrosa (Orgs.), *Experiencia y alteridad en educacion* (p. 13-44). Rosario, AR: Homo Sapiens Ediciones.
- Latour, B. (2008). Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In R. Roque, & J. A. Nunes (Orgs.), *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência* (p. 39-61). Porto, PT: Edições Afrontamento.
- Mohankumar, D. M. (2018). Conflicting ideologies of fundamentalism versus liberalism in Hanif Kureishi’s *The black album*. *Language in India*, 18(8), 149-153.
- Niederhoff, B. (2013). Focalization. In *The living handbook of narratology*. Hamburg University. Recuperado de <https://www-archiv.fdm.uni-hamburg.de/lhn/node/18.html>
- O’Shea-Meddour, W. (2007). Deconstructing fundamentalisms in Hanif Kureishi’s *The black album*. In C. Pessoa-Miquel, & K. Stierstorfer (Orgs.), *Fundamentalism and literature* (p. 81-100). London, UK: Palgrave Macmillan.

- Ossowska-Czader, M. (2015). The rushdie affair – politics, culture and ethnicity in Hanif Kureishi's The black album. *Politeja*, 12(8(31/2)), 11-26. DOI: https://doi.org/10.12797/Politeja.12.2015.31_2.02
- Passos, E. H., & Souza, T. P. (2011). Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de 'guerra às drogas'. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 154-162. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100017>
- Paterson, J. M. (2015). O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional. *Letras de Hoje*, 50(2), 179-184. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.2.21339>
- Rolnik, S. (2007). Geopolítica da cafetinagem. In Comissão de Direitos Humanos do CRP-RJ (Org.), *Direitos humanos? O que temos a ver com isso?* (p. 103-118). Rio de Janeiro, RJ: Conselho Regional de Psicologia – RJ.
- Rolnik, S. (2021). *Antropofagia Zumbi*. São Paulo, SP: n-1 Edições.
- Rose, N. (2001). Inventando nossos eus. In T. T. da Silva (Org.), *Nunca fomos humanos - Nos rastros do sujeito* (p. 137-204). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Rushdie, S. (2012). *Os versos satânicos* (M. Dursan, Trad.). Companhia das Letras.
- Spinoza, B. (2013). *Ética*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Tierney, T. (2017). Appropriation, articulation and authentication in acid house: the evolution of women's fashion throughout the early years (1987–1988) of the acid house culture. *Fashion, Style & Popular Culture*, 4(2), 179-196. DOI: https://doi.org/10.1386/fspc.4.2.179_1
- Upstone, S. (2008). A Question of black or white: returning to Hanif Kureishi's The black album. *Postcolonial Text*, 4(1), 1-24. Recuperado de <https://www.postcolonial.org/index.php/pct/article/view/679/518>
- Vargas, E. V. (2005). Drogas: armas ou ferramentas. In M. C. S. Minayo, & C. E. A. Coimbra JR. (Orgs.), *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina* (p. 587-608). Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575413920>
- Woodward, K. (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. da Silva, S. Hall, & K. Woodward, *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (p. 2-97). Petrópolis, RJ: Vozes.